

22/8/1963

duplicata

O Nôvo Serpa (I)

A CONTEMPLAÇÃO da nova pintura de Ivan Serpa re-presentou, para nós, um sóco, um pontapé, «um longo e prolongado insulto», como diria Henry Miller, um impacto, em suma, do qual ainda não nos recuperamos. Esse pintor, que em quinze anos de carreira atravessou diferentes estágios, inclusive um, bastante duradouro, de austero construtivismo, explodiu agora em forma e côr, obediente a uma temática que há de parecer a muitos desagradável e de mau gôsto — bichos de pesadêlo, lósbicas, paisagens perturbadas e perturbadoras —, tudo numa força inesperada, estertoricamente, numa demonstração de coragem da qual não sabemos se, em breve, não irá arrepender-se.

A reação do espectador ante o nôvo Ivan Serpa será de revolta, indignação, admiração, o que for: nunca de indiferença. E isso, quer-nos parecer, é algo que conta a seu favor, num momento em que a obra de arte busca apenas agradar, e perdendo sua potencialidade expressiva ameaça converter-se num objeto decorativo, um penduricalho a mais no vasto arsenal de decoradores e arquitetos.

Os quadros de Serpa não são decorativos: basta vê-los, como dolorosas feridas, sôbre os bem-comportados móveis de Tenreiro. Uma nuvem de corvos sôbre um trigal não faria contraste maior do que aquelas figuras em atitudes grotescas fazem com os sofás e as poltronas do conhecido mestre do mobiliário brasileiro. Expressivas como as que mais o sejam, aquelas obras deixam-nos ver um Serpa diferente e que mal adivinháramos até agora: um Serpa que lança mão da linha e da côr para traduzir seu ego até aqui confido, e que não vacila e nem se intimida mesmo ante os maiores perigos. (Continua).

COURTHION E OS
BOUDIN DO MNBA

O crítico de arte Pierre Courthion, delegado da França à VII Bienal de São Paulo, mostrou-se admiradíssimo com a coleção de 20 Quadros de Eugène Boudin conservados no Museu Nacional de Belas Artes, visitando-a demoradamente. Como se sabe, Boudin tem sua importância histórica, e artística, a cada dia aumentada, o que se reflete nos preços hoje alcançados por obras suas no mercado de arte internacional. A coleção do Museu Nacional de Belas Artes, por exemplo, deve hoje valer aproximadamente 300 mil dólares, quase 300 milhões de cruzeiros. É a terceira do mundo, atrás das de Honfleur e Havre, e foi doada pela Baronesa de São Joaquim em 1922.

AMBAR: POSADA
EM SETEMBRO

Com uma zincografia de José Guadalupe Posada — já em mãos do impressor —, e com uma água forte de Iberê Camargo — já entregue pelo artista há alguns dias —, a Editôra de Gravuras da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional de Belas Artes (AMBAR) dará início à sua atividade, visando estimular o gôsto pelas artes gráficas e auxiliar, ao mesmo tempo, o Museu Nacional de Belas Artes. A primeira estampa será publicada em setembro, e a segunda em outubro do corrente ano; uma e outra serão distribuídas entre os cem assinantes da Editôra, os quais pagarão a importância de 50 mil cruzeiros por uma série de onze originais de artistas nacionais e estrangeiros. O plano de pagamento compreende diversas modalidades ao alcance de tôdas as bôlsas. Restam ainda algumas vagas de assinante, maiores informações podendo ser prestadas no Museu Nacional de Belas Artes, pelo sr. Geraldo Magella Pires Lima.

BURLE-MARX
HOJE NO MAM

Hoje, às 18 horas, inaugura-se no Museu de Arte Moderna a exposição da obra de Roberto Burle-Marx. Trata-se de uma exposição importante, para a qual chamamos a atenção de nossos leitores.

PG SERÁ CENTRO
CULTURAL

Qualquer galeria de arte possui, por sua própria índole, acentuado aspecto cultural, já que auxilia poderosamente na formação do gôsto artístico do público. Com a série de atividades que programou e fará realizar dentro em pouco, porém, a Petite Galerie irá transformar-se em um autêntico centro cultural, digno de todo apreço. Assim é que, em outubro, o crítico Clarival Valladares nela ministrará um curso de História da Arte. E livros sôbre a arte e os artistas serão publicados a começar do ano vindouro, bem como gravuras, uns e outras sob a orientação técnica do conhecido Darel Valença Lins (cuja atual exposição na PG, aliás, é simplesmente admirável). Nós, que não raro temos criticado a Petite, e outras galerias de arte cariocas, não podemos deixar agora de aplaudir essa série de iniciativas de alto alcance cultural, por ela programada.

FAYGA OSTROWER
NA BONINO

Uma das boas exposições do momento é a que Fayga Ostrower realiza, com sucesso, na Galeria Bonino, apresentando não as suas bem conhecidas gravuras, porém seus desenhos também de altíssimo nível. Existem felizmente artistas, como Fayga e alguns outros, que representam um verdadeiro descanso para a crítica. Visitamos-lhes as exposições, porém sem receio de decepções e de frustrações. E as visitamos por prazer — não por obrigação.